

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LINO BROCKA — MATEM O ARTISTA NACIONAL

23 de Outubro de 2026

OCA / 1990

um filme de LINO BROCKA

Realização, Argumento: Lino Brocka *para integrar* “Comment vont les enfants?” *Fotografia:* Rody Lacap *Montagem:* George Jarlego, Jr., Jean Silve *Música:* Nonong Buencamino, Jr. *Direcção Artística:* Toto Castillo *Assistente de realização:* Bey Vito *Interpretação:* Oscar Gabanes, Randy Hilic, Samuel Umpad.

Produção: Filipinas, França, 1990 *Supervisão de produção:* George Satos (Filipinas), Bernard Mazauric (França) *Estreia:* Dezembro de 1990 *Cópia:* DCP (formato de exibição nesta sessão), cor, legendado em inglês e eletronicamente em português, 7 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

ANO ANG KULAY NG MUKHA NG DIYOS? / 1985

“QUAL É A COR DO ROSTO DE DEUS?”

um filme de LINO BROCKA

Realização: Lino Brocka *Argumento:* Jose Y. Dalisay, Jr., Pio De Castro III (autor do título) *baseado numa história de* Severino P. Lopez *Fotografia:* Pedro Manding, Jr. *Som (supervisão):* Rolly Ruta *Montagem:* Augusto Salvador *Música:* Willy Cruz *Direcção Artística:* Benjie de Guzman *Cenografia:* Edgar Martin Littaua *Caracterização:* Yolanda Unabia, Flor Mendoza *Interpretação:* Katrin Gonzalez (Maripi), Gina Alajar (Lani), Michael De Mesa (Fidel Alipio), Edu Manzano (Rudy Valez), Caridad Sanchez (Aling Celing), Vic Silayan (supervisor da prisão), Joonee Gamboa (Dr. Villaba), Subas Herrero (Sr. Perez), Jimmy Fabregas, Ernie Zarate, Johnny Vicar, Jess Ramos, etc.

Produção: LFA Productions (Filipinas, 1985) *Produtores:* Teodorica B. Santos, Teresa Santos Blas *Estreia Mundial:* 25 de Dezembro de 1985, no Metro Manila Film Festival *Cópia:* DCP (formato de exibição nesta sessão, a partir de material vídeo), cor, legendado em inglês e eletronicamente em português, 112 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO

As condições em que os filmes vão ser apresentados são as condições possíveis. Pese embora o contexto precário da sua existência actual, foi considerada a relevância destes títulos na retrospectiva da Cinemateca e do Doclisboa.

A qualidade de som e imagem de projecção digital de ANO ANG KULAY NG MUKHA NG DIYOS é particularmente lamentável, dadas as características do material que foi possível localizar na origem. Para minimizar de alguma forma os (d)efeitos visuais, designadamente a nitidez da imagem, optou-se por diminuir o respectivo formato em projecção. Este alerta aos espectadores é simultaneamente um agradecimento pela sua compreensão.

a sessão é apresentada por Khavn

“As crianças têm o direito de ser protegidas contra todo o tipo de exploração. Cento e quarenta e cinco milhões de crianças abaixo dos quinze anos trabalham como escravas em condições deploráveis.” É o texto do cartão final dos sete minutos de OCA, o contributo de Lino Brocka para a série de seis filmes, ou o filme em seis segmentos, COMMENT VONT LES ENFANTS? que, nesse projecto, alinhou o cineasta filipino a Rolan Bykov (ЛЮБА),

Ciro Durán (CARMELO), Jerry Lewis (BOY), Euzhan Palcy (HASSANE), Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville (L'ENFANCE DE L'ART). A crueza do texto é de fundo, e está no âmago do propósito da UNICEF quando, em 1990, produziu esta “antologia colectiva” pela defesa dos direitos universais da criança à vida, à saúde, à educação contra todos os estados de guerra. Lino Brocka filma uma criança de sete anos, um miúdo chamado Oca, parte de um contingente de crianças exploradas no arriscado trabalho de mergulho em que consiste a pesca tradicional de recife com fins comerciais nas Filipinas. No filme, a personagem interpretada pelo luminoso actor paga uma dívida deixada pelo irmão mais velho, morto por apneia na mesma prática de “muro-ami”. Leia-se, o método dessa pesca tradicional de recife que consiste em cercar recifes de corais com redes, usando mergulhadores que, esmagando os corais, forçam os peixes a sair dos abrigos e entrar nas redes. Como as mulheres filmadas pela japonesa Kinuyo Tanaka em MULHERES DA NOITE (ONNA BAKARI NO YORU, 1961), ou a realidade retratada por Cláudia Varejão nos mares do Japão em AMA-SAN (2016), os pequenos mergulhadores filipinos são sujeitos a uma violência inominável que absorve, porventura esgotando, a energia física de corpos ágeis. Dando um nome e um rosto a uma história partilhada por muitas crianças anónimas forçadas a sobreviver na miséria, isto é, singularizando e humanizando um caso, Brocka comove. Com imagens justas, austeras. O plano final condensa a força e a fragilidade da história filmada: um paralítico sobre o vulto mergulhado de Oca olhando de frente a câmara com óculos de mergulho, sobre o qual surge a legenda que inscreve a identidade do miúdo, “Oca, sete anos”.

A infância faz o *raccord* da sessão. No papel de Maripi, Katrin Gonzalez, a pequena grande actriz do filme, é o mais genuíno e potente trunfo de ANG KULAY NG MUKHA NG DIYOS? ou “QUAL É O ROSTO DE DEUS?” Na profusa filmografia de Brocka, este título de 1985 está “do lado” dos seus muitos filmes folhetinescos-fotonovelescos, progredindo como um melodrama de “faca e alguidar” a partir da experiência verídica do médico creditado como autor da história trabalhada no argumento (Severino P. Lopez). Variando sobre o motivo da mãe sacrificial e da ausência do pai, trata-se de um filme que joga com o sentimentalismo de uma intriga pontuada por golpes e reviravoltas desgraçadas, que as canções vincam, desde logo a que lhe dá o título. Impressiona o retrato da miséria das condições de vida que perpassa na história, cenários, personagens. Impressiona a dignidade que prevalece em boa parte das personagens – a da mãe, a da vizinha amiga da mãe, a do repórter que se aproxima delas, a do pai disposto, no último momento, ao sacrifício último, aliando-se à “bondade de estranhos” como o médico que se solidariza para salvar a menina cega desde os três anos por falta de condições sanitárias e cuidados médicos.

O realismo subjacente a ANG KULAY NG MUKHA NG DIYOS? é trabalhado dentro dos ditames de género, numa imparável precipitação narrativa em que convivem pobreza, prostituição, criminalidade, abuso, amizade, solidariedade, compaixão, revolta e amor, a candura da infância, a ferocidade do mundo. Se condimentos faltassem nas reinantes condições adversas, a intriga equaciona ainda a questão religiosa, associando ao espaço de uma igreja a ideia de uma cápsula de refúgio. A possibilidade da bondade e da redenção rondam o filme que nelas encontra um contraponto para a fatalidade da escuridão mais profunda no lúcido pressuposto de que “todos falhamos uns aos outros”. Mas aqui não há, em geral, contenção. Exorbitância é a palavra de ordem.

Maria João Madeira